

Túmulos, oferendas e simbolismos: notas sobre um ritual de culto aos mortos no Ceará

**Antonio Renaldo
Gomes Pereira¹**



**Tombs,
offerings and
symbolisms:
notes on a ritual
to worship the
dead in Ceará**

¹Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: renaldogomes@live.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as relações que se estabelecem entre vivos e mortos a partir do material etnográfico produzido no município de Cariré, Ceará. Tais relações se refazem a partir da oferta de água em garrafinhas depositadas sobre sepulturas à beira da estrada ou cemitérios. Os dados empíricos produzidos no povoado de Almas nos permitem compreender um conjunto de motivações que tornam possível o ato de ofertar. As práticas mortuárias realizadas pelos parentes dos mortos derivam de diversos fatores engendrados por sentimentos e emoções que permeiam todo o processo.

Palavras-chave: Túmulo; Oferenda; Simbolismo.

Abstract

This article reflects on the relationships established between the living and the dead through the study of ethnographic material produced in the municipality of Cariré, Ceará. Such relationships are redeemed through the offering water in bottles deposited on graves by the side of the road or in cemeteries. The empirical data produced in the village of Almas allow us to understand a set of motivations that make the act of offering possible. The mortuary practices carried out by the relatives of the dead derive from several factors engendered by feelings and emotions that permeate the whole process.

Keywords: Tomb; Offering; Symbolism.

Introdução

Este artigo trata das relações empreendidas entre vivos e mortos nas quais depositam-se oferendas sobre túmulos e cenotáfios com intuito de restabelecer um contato com os mortos, ora pertencentes ao núcleo familiar, a fim de sanar uma necessidade do espírito do ente querido. Foi precisamente a partir da informação de que os mortos têm sede que esta pesquisa teve início. Ao adentrar em campo, surge uma série de questionamentos: o que pensam os devotos sobre o tipo de oferenda realizada? O que torna a água, um elemento especial dentre os itens ofertados? É possível que os mortos obtenham algum benefício a partir do que está sendo entregue a eles em suas sepulturas? O que motiva o devoto a oferecer água e outros itens a seus parentes mortos? O que se espera, em contrapartida, ao realizar tais oferendas? Estas foram algumas das perguntas que guiaram a formulação da pesquisa, do qual estas páginas são um resultado parcial.

O objetivo neste artigo é refletir sobre as relações entre vivos e mortos a partir do material etnográfico produzido em Cariré, município da mesorregião noroeste do Ceará, que se apresenta como cenário fértil para o desenvolvimento desta pesquisa. Mediante o estudo, pretendemos refletir sobre o uso da água como elemento que medeia e possibilita a construção e manutenção de um elo entre o mundo natural e o sobrenatural.

Esse interesse pela morte, desde o trato que se dá ao indivíduo em fase de quase morte até as práticas mortuárias, de fato, não é novo. Faz parte de uma agenda adotada pelos mais diversos ramos da ciência, dentre eles, o histórico, sociológico, literário e antropológico são os que mais nos apoiaremos para expor e explicar o culto aos mortos em tela, suas nuances e motivações. Preocupados com o fato de que “as almas dos mortos sofrem sede”, os povos da Mesopotâmia, Anatólia, Síria, Palestina e Egito tinham entre suas práticas mortuárias a realização de “libações para os defuntos” (ELIADE, 1998, p. 161); Carneiro da Cunha (1978) observa, entre os Krahó, um conjunto de práticas nas quais se inclui a oferta de um banquete ao espírito do morto com intuito de fazê-lo seguir adiante, afastando-se do convívio dos vivos; Galeno (1977) trata de expor alguns ritos fúnebres realizados no interior do Ceará nos anos 1970, tais ritos constituem-se como atividade que favorece a passagem do espírito para o mundo dos mortos, além da função social que atribui ao indivíduo o

status de finado. Mais recentemente, Pereira e Paulino (2020) retomam este tema observando a constituição de vínculos entre vivos e mortos a partir das ofertas votivas.

Início esta reflexão apresentando algumas ideias sobre as possibilidades *post mortem* e a morte como chave de acesso a outro mundo. Em seguida discorro sobre as características físicas dos locais utilizados para depósito das oferendas fazendo uma breve explanação sobre suas origens e constituição como local sagrado. Na terceira apresento as características das ofertas votivas, como se constroem e as possibilidades de representação para os elementos ofertados. Concluo com algumas considerações sobre as relações entre vivos e mortos que se desenvolvem no povoado de Almas.

A morte e o *post mortem*

A morte pode ser entendida para além do término de um ciclo, “uma mudança de estado, de plano de existência e de status” (SANTOS, 2008, p. 221), ela permite o “acesso ao mundo espiritual” que, no caso, pode ser entendido “como um conjunto de possibilidades a serem acessadas pelos indivíduos que o constroem de acordo com suas próprias definições elaboradas a partir do meio social” (PEREIRA, 2021, p. 30).

A possibilidade de um mundo dos mortos no qual as ações que empreendemos em vida tenham continuidade é considerada uma realidade em algumas sociedades. Acredita-se que o cotidiano humano tenha reflexos no mundo dos mortos a ponto de as ações que empreendemos nesta vida perpetuarem-se no *post mortem*. Entre os Araweté, povo indígena paraense, “os mortos são enterrados com alguns objetos – espelhos, facas, peças de roupa – que poderão servir-lhes no Além” (VIVEIROS DE CASTRO, 1984/85, p. 68). As relações sexuais no mundo dos espíritos faz parte do imaginário *post mortem* da comunidade, assim como entre os povos pré-incas do Peru, onde a prática sexual no além era possível.

O *post mortem* é uma incógnita. Por mais que o imaginário sobre a morte seja repleto de possibilidades e suposições acerca de como seria a partir do cessamento das funções biológicas do corpo, não há certeza de para onde iremos ou mesmo se iremos para algum lugar.

O despertar para este tema de pesquisa ocorre em uma comunidade rural do município de Ibiapina, ao perceber um amontoado de garrafas *pet* sobre uma pequena elevação de terra com cruz e a justificativa por parte dos habitantes locais ao indicar

que seria “água para os mortos”, “para matar a sede dos mortos” (PEREIRA, 2021, p. 23). A partir daí, há um descortinar para as oferendas em tela e sua observação torna-se possível.



Figura 1 – Monumento fúnebre à beira da estrada.

Fonte: O Autor. Cariré, 2018.

Os monumentos fúnebres à beira das estradas tornaram-se o campo por excelência naquele momento. Outros municípios da região incluíram-se no itinerário de observações das oferendas. Ibiapina, Cariré e Meruoca compreendem o cenário no qual se delineia a pesquisa. Entre as perspectivas dos interlocutores sobre o ofertar água aos mortos, três delas se destacam:

[...] primeira, saciar uma ‘sede eterna’, [...] é a mais comum entre as respostas obtidas durante o trabalho de campo; segundo, pacificar ou trazer paz para um espírito que não tenha conseguido alcançar o mundo dos mortos e; terceiro, purificar o ambiente em que a morte ocorreu, evitando, assim que mais mortes ocorram no local. Essas são as principais ideias identificadas em campo” (PEREIRA, 2021, p. 27).

É comum, ao longo das estradas, observar-se algumas estruturas com cruz ao topo em homenagem às pessoas que vieram à óbito no local. Nas estradas que inter cruzam os sertões do semiárido, a cena é mais frequente. Na maioria dos casos, elas têm a mesma representatividade e constituem-se como local sagrado para os devotos que depositam alimentos e objetos que acreditam ser úteis para o bem-estar dos espíritos dos parentes. Esses monumentos podem ser categorizados como

cenotáfios, um memorial fúnebre erguido para homenagear um indivíduo ou um grupo de pessoas cujos restos mortais estão em outro local ou estão em local ou tem seu destino desconhecido (PEREIRA; PAULINO, 2020). Segundo Anderson (2008) “os gregos antigos tinham cenotáfios, mas para indivíduos específicos, de identidade desconhecida, e cujos corpos, por uma razão ou outra, não puderam receber um enterro normal” (p. 35). O termo cenotáfio indica locais em que não há a certeza de que os restos mortais estejam sob o solo onde se encontra o memorial, pois o que importa, de acordo com Ariès (2017, p. 63), é “a evocação da entidade do defunto e não o reconhecimento do lugar exato da colocação do corpo”.

Em Cariré, as oferendas podem ser vistas em cenotáfios e túmulos localizados à beira das estradas e cemitérios, assim como foi verificado no decorrer da pesquisa de campo. O município se apresenta como ambiente propício para a investigação ao considerar os relatos obtidos em pesquisa exploratória, realizada em 2016, que denotavam uma diversidade de itens entre as ofertas dedicadas aos mortos.

As perspectivas sobre o ritual de culto aos mortos realizado no semiárido cearense são as mais variadas. Vale considerar, principalmente, de que ponto de vista as expectativas em relação à sua realização são construídas. Tomando de empréstimo as concepções de Conceição (2011) sobre os diferentes olhares que se lançam sobre determinadas atividades rituais e orientados pela ideia de que “a experiência ritual para um expectador, adepto ou oficiante possui significação diferente para indivíduos diferentes” (p. 15), passo a categorizar as informações obtidas de acordo com o grau de envolvimento do interlocutor com a prática ritual.

Enquanto as ideias expressas pelos observadores sobre as cenas expostas à beira das estradas ou cemitérios tem relação com a religião adotada e/ou as vivências do indivíduo, entre os praticantes, a questão vai além. As experiências religiosas podem servir de base para a construção da interpretação sobre a oferenda aos mortos, contudo o que se encontra nas particularidades do indivíduo falecido e no âmbito do segredo é o que dá todo o sentido aos elementos ofertados.

O campo sagrado

O cemitério municipal de Cariré é o primeiro espaço público com área delimitada onde foi possível observar garrafinhas de água em oferta para os mortos.

No local, as oferendas são depositadas no chão, sobre o monumento fúnebre ou em uma cavidade construída no próprio túmulo. Embora as oferendas sejam recolhidas periodicamente, é possível verificar garrafas *pet* em diversos tamanhos, acompanhadas ou acompanhando velas e flores em um número considerável de sepulturas.

O cemitério de Almas foi o cenário principal para a observação das ofertas votivas. Formado a partir de alguns sepultamentos, na década de 1980, logo o terreno particular tornou-se propriedade de toda a comunidade e desde então tem servido para as inumações e homenagens aos mortos. Uma capelinha foi erguida para velar os mortos antes do sepultamento. Constituiu-se, então, o campo sagrado para o descanso dos mortos na localidade de Almas, o Cemitério São José, onde figuram diversas imagens de santos católicos e cruzes confeccionadas em madeira, ferro e cimento.

Segundo Schechner (2012), os “rituais acontecem em espaços especiais muitas vezes em lugares isolados, o próprio ato de entrar no ‘espaço sagrado’ tem um impacto sobre os participantes. Em tais espaços, comportamentos especiais são requisitados” (p. 70), assim, o cemitério surge como espaço propício para a realização dos ritos fúnebres e práticas mortuárias em tela. Anteriormente, as práticas funerárias eram realizadas em locais isolados, túmulos dentro das matas ou beira de estrada, hoje elas se concentram em um campo sagrado comunitário, ou seja, o cemitério local. Há três ou quatro décadas, era comum as emboscadas que resultavam em morte e no local se construía um monumento ou fincava uma cruz no chão para marcar o local da morte. As mortes por causas desconhecidas geravam comoção resultando na instituição de locais de culto.

A realização de oferendas nos cemitérios assume um caráter familiar e corrobora a ideia de que tais atividades têm em sua constituição elementos simbólicos que denotam vivências ou memórias compartilhadas entre o indivíduo que oferta e o que recebe, pois é possível observar a diversidade de objetos dispostos sobre o túmulo ou em volta do mesmo, dando estilo e/ou sentido próprio a cada oferta votiva (PEREIRA, 2021). A constituição do ritual, em Almas, está intimamente ligada à ideia de matar a sede do morto, sendo este o seu principal intuito.

O ato de ofertar água aos mortos não desperta a mesma comoção em praticantes e observadores. Em dado momento, fui informado que as oferendas são retiradas dos locais onde são depositadas por serem consideradas desnecessárias.

Suponho que tal atitude seja tomada por parte de pessoas que tomam por base seus preceitos religiosos e acreditam que o local não deveria ser reduto de oferendas. Em Cariré, me informaram, em umas das inúmeras conversas que tivemos com munícipes, que a religião predominante no município é a cristã, expressa nas denominações católica e evangélica. Outras religiões foram ditas como inexistentes ou não professadas no território de Cariré, embora surja relatos entre uma conversa e outra acerca de cultos e atividades religiosas que remetem às religiões afroameríndias indicando, inclusive, nomes de praticantes. De acordo com Conceição (2011, p. 13), “a atitude de negação [...] traz à tona a perseguição que as religiões de matriz africana sofreram no período escravista e que, ainda hoje, são alvo de muito desrespeito”.

Os ritos fúnebres e as práticas mortuárias que se desenvolvem em cada sociedade nos contam muito sobre cada uma delas. A complexidade dos significados, embora seja possível sua observação, o real sentido só pode ser descrito, de forma mais segura, a partir das interpretações dos indivíduos que as realizam.

As ofertas votivas empregadas no ritual

O ato de ofertar é uma das atividades principais dentro do ritual, nele há a materialização da atividade votiva, ou seja, a face observável. Os elementos não-visíveis também devem ser considerados, pois eles dão sentido ao ato, tornando-se, assim, parte do escopo ritual, compreendido nas palavras de Richard Schechner (2012), como “ações ordinárias que foram exageradas, simplificadas e tornadas repetitivas” (p. 62) a ponto de serem, de certa forma, naturalizadas pelos praticantes e/ou sociedades.

As preces e orações compõem o ritual de culto aos mortos, sendo realizadas no ato da entrega da oferenda que firma o elo entre o devoto e o espírito do falecido e, posteriormente, fora do ambiente sagrado a fim de manter os laços firmados. As orações pertencem, comumente, à religião adotada pela comunidade local, enquanto as preces têm caráter individualizado e sua composição está relacionada ao próprio falecido.

Tambiah (2018) aponta para o fato de que “as concepções cosmológicas estão incorporadas nos ritos, e que os ritos, por sua vez, encenam e encarnam concepções cosmológicas” (p. 141). Dessa forma, o rito evoca o passado, atualiza

uma experiência, no sentido de que o ritual se renova a cada tempo mantendo sua essência sem perder o sentido cosmológico.

Entre os indígenas Krahó, segundo Carneiro da Cunha (1978), uma refeição póstuma é oferecida ao morto que através de um curador solicita o banquete indicando quais alimentos deseja na refeição. Essa “refeição póstuma satisfaz uma fome que não fora saciada em vida” (p. 41). Fato semelhante ocorre entre os sertanejos que ofertam água a seus mortos a fim de saciar sua sede e aliviar seu sofrimento em função dela.

A oferenda, geralmente, compõe-se de flores artificiais, brinquedos, acessórios femininos, itens de maquiagem, cosméticos para cabelo, comidas e bebidas, sendo a água o mais comum, podendo ser classificada como “símbolo dominante” e os demais itens como “símbolos suplementares”, por comporem a oferenda de forma secundária, ora presentes, ora não (TURNER, 2005).

Os elementos observáveis do ritual, constituintes da oferenda, suscitam ideias no imaginário do observador que reinterpreta os objetivos rituais. A representação reelaborada do ritual é baseada no rol de concepções de mundo do próprio indivíduo que expõe seu pensamento. Contudo, não está relacionada diretamente, ou pelo menos nem sempre, ao pensamento de quem produz/oferece aos mortos (PEREIRA, 2021, p. 41).

Ao considerar a possibilidade de vida após a morte, as sociedades criam em seu imaginário possibilidades sobre como seria esta outra vida. As ações dos mortos no mundo dos vivos podem ser resultado das relações que se empreendem a partir da ideia de interação entre os indivíduos vivos e mortos, podendo, ainda, em alguns casos, gerar beneficiamento mútuo, tal qual ocorre no povoado de Almas.

As ideias de Marcel Mauss (2003), apresentadas no *Ensaio sobre a dádiva*, são tomadas de empréstimo, aqui, para situar as relações que se estabelecem em Almas nas quais se mantém um sistema de trocas no qual a sociedade dos vivos e a sociedade dos mortos, representadas pelo indivíduo ofertante e o indivíduo evocado, firmam contratos que resultam em prestações e contraprestações renovadas periodicamente. Como sugere o autor, a própria coisa dada é a garantia da retribuição.

A memória que o devoto tem do indivíduo falecido é evocada na hora de selecionar o que mais lhe satisfaz para que a oferenda lhe seja a contento. O apego que devoto e falecido tiveram em vida surge como elemento vital para a eficácia do ritual a ponto de ser indicado pelos habitantes do povoado local como um dos fatores

principais a ser considerado, podendo ser equiparado ao fato de o morto ter pertencido à família do devoto, isso possibilitaria maior interação entre os indivíduos. O vínculo familiar seria capaz de facilitar o compromisso a ser firmado e a manutenção do mesmo. Contudo, nada impede que pessoas que não tenham parentesco com o indivíduo falecido realizem as atividades votivas compreendidas nessas relações.

O apelo é direcionado ao falecido, assim como ocorre aos santos católicos, contudo, a figura de Deus é lembrada como a entidade sagrada que permite a resolução do conflito ou mesmo da cura para o corpo e/ou a alma do devoto. Tal qual ocorre nas promessas, o segredo surge como premissa para que o desejo seja realizado.

As relações entre vivos e mortos, no povoado de Almas, são entendidas como uma forma de reparação de necessidades que foram vivenciadas pelo indivíduo e que, de alguma forma, tem continuidade no outro mundo. Tais reparações tornam-se possíveis ao ofertar ao falecido objetos e alimentos que lhe fizeram falta em vida e presume-se que sejam necessários no *post mortem*.

A oferenda é o elemento visível no ritual de culto aos mortos que se desenvolve em Almas, sua composição tem

base na memória que os vivos têm do morto ou mesmo do imaginário construído e solidificado com o tempo a partir das qualidades positivas ou não que os vivos vêm disseminando ao longo do tempo, podendo tais informações perdurar por gerações, garantindo ao morto uma infinidade de devotos e um número elevado de oferendas, sejam elas em quantidade e/ou diversidade de elementos (PEREIRA, 2021, p. 66).

Oferendar é um ato religioso de interação do fiel com a entidade sobrenatural. Oferenda é aquilo que se oferta a uma entidade sagrada, seja o ato de ofertar regido ou não por uma religião ou forma de religiosidade oficial. A energia gerada em função do ato de ofertar é utilizada pela entidade sagrada em benefício do devoto ou de outro indivíduo a quem se destina o pedido realizado no ato.

A oferenda é um presente depositado no local ou ambiente sagrado com intuito de homenagear e/ou agradecer a uma entidade sobrenatural por haver concedido algum milagre ou pela intervenção em alguma questão na qual o indivíduo devoto tenha recebido a graça. Tanto que “não há oferenda em que o objeto consagrado não se interponha igualmente entre o deus e o oferecedor e em que este último não seja afetado pela consagração” (MAUSS, 2005, p. 17). A sacralidade,

assim como a importância dos elementos ofertados reside no valor agregado a cada item que pode ser medido ou entendido a partir do que se presume que a entidade receptora tenha mais apreço ou não. A empatia entre o devoto e a entidade sagrada é um ponto a ser considerado, pois é capaz de gerar a conexão na hora da entrega.

As oferendas “não se trata[m] de um ou vários itens arbitrários, mas de uma série, ou melhor, de um conjunto. Alguns itens são essenciais e insubstituíveis (a água, por exemplo), enquanto outros são complementares” (SANTOS, 2008, p. 224). Presente em quase todo tipo de culto ou religião, a água pode ser a bebida que acompanha as comidas ou o elemento utilizado para as libações. Apresento aqui o estudo de um culto em que a água é o principal e por vezes, o único elemento ofertado aos mortos, assumindo o papel de “elemento dominante” na oferenda (TURNER, 2005, p. 61-64). Esse tipo específico de culto foi observado, inicialmente, nos municípios de Ibiapina, Cariré e Meruoca e no decorrer da pesquisa constatamos que rituais semelhantes ocorrem em Fortaleza, Horizonte, Pacajus, Ocara, Quixadá, Quixeramobim, Banabuiú, Crateús, Viçosa, Tianguá e São Benedito. Acrescento, ainda, que essas atividades não estão limitadas a esses territórios. Portanto, opto por classificá-las como relações com os mortos no semiárido cearense. Contudo, trato de evidenciar, neste trabalho, as relações que se produzem entre vivos e mortos no município de Cariré.

Por tratar-se de um povoado católico, os habitantes de Almas seguem os ritos fúnebres adotados pela Igreja. Outros ritos, embora fujam à regra católica, são amparados no ato da fé e da não proibição por parte dos dirigentes da paróquia local. Segundo informações obtidas no local, a igreja incentiva a fé e se o ato de ofertar aos mortos tem suas bases na efetivação da fé e na salvação do espírito do morto, então as oferendas não são proibidas. As ofertas se iniciam quando o parente do morto vê a necessidade de ofertar mais do que o habitual entre os populares, pois o fato de, possivelmente, ter conhecido o indivíduo em vida, permite supor o que o agradaria mais. As memórias dos dias vividos vêm à mente e levam o praticante a incluir em suas ofertas: acessórios que ressaltam a beleza ou brinquedos para um possível entretenimento.

Os mortos fazem parte da vida cotidiana, porque não são simplesmente mortos, embora tenham partido para outra vida, eles continuarão presentes enquanto permanecerem suas ligações de afetividade com os vivos.

Estas ligações/relações são continuadas, (re)produzidas e reafirmadas, de maneira inter-relacionada, pela memória, pela saudade e pela elaboração e realização do complexo ritual fúnebre católico – com suas implicações afetivas e de obrigações na ajuda à salvação completa das almas: o todo é possibilidade porque realiza potencialmente essa síntese simbólica entre espaço e tempo, nos sujeitos e através deles (REESINK, 2012, p. 384).

O conjunto de elementos que compõe a oferenda tem seu valor expresso na mesma medida de importância que ele assume na vida do sertanejo em seu cotidiano, tanto nos elementos de categoria material que se sacraliza ao ser ofertado quanto nos de categoria imaterial que já possuem características sobrenaturais em sua concepção. Ave Maria, Credo, Pai Nosso e Salve Rainha estão entre as orações que acompanham as ofertas votivas, além delas, as preces com caráter particular e exclusivas para cada momento caracterizam a intimidade e fortalecem os laços entre devoto e o espírito do morto. As preces, como aponta Mauss (2005) em seu *Ensaio sobre a prece*, indicam que a partir da fala, pede-se o favor. Segundo o autor, a eficácia das palavras e os laços entre os homens e os seus deuses são os dois fenômenos essenciais da prece. No ritual de culto aos mortos, a entidade sagrada/espiritual não assume caráter e/ou características de deuses, mas pode em alguns casos intervir na vida social e particular dos vivos.

O sentido simbólico da água

Em Almas os simbolismos sofrem adaptações seguindo fundamentos próprios que obtêm sentido na memória do devoto. É aqui que ganha importância o que se conhece dos desejos e sentimentos do indivíduo falecido. O que era importante para ele em vida ganha valor como oferta votiva.

A água torna-se o elemento chave nessas relações ao evidenciar a falta de assistência aos indivíduos no leito de morte ou supor que havia sede na hora da morte, assim, tornando-se um dos motivos pelos quais se oferta água aos mortos. Em outros municípios e povoados verifiquei a ocorrência de atividades votivas semelhantes às que ocorrem em Almas, contudo, a finalidade destoa em sentido e motivações. Elas ocorrem esporadicamente a partir da entrega de água e outros objetos sobre os cenotáfios à beira da estrada e não têm caráter de permanência, nem de troca de favores; na maioria das vezes, o que se deseja nessas atividades é a pacificação do

espírito e a purificação do local desejando que outros acidentes não ocorram ou a salvação do espírito.

A água desejada pelo moribundo para aplacar sua sede ganha destaque como reparadora de uma falta nos últimos instantes de vida e torna-se elemento constituinte do imaginário *post mortem* local. Não é algo novo em si, mas vem se reinventando, ao longo do tempo, no sentido e na forma.

O uso da água nos rituais funerários pode ser explicado pelo conjunto de qualidades que residem em sua função cosmogônica, mágica e terapêutica; as águas “saciam a sede do morto”, as águas podem abolir sua condição humana que possibilita o sofrimento. Dessa forma, “o defunto não morre definitivamente”, a água altera suas condições como espírito, aliviando um sofrimento que, no caso, é entendido como sede. Tal fato levou as pessoas a ofertarem água aos mortos, pois “os mortos tinham sede” (ELIADE, 1998, p. 161).

A significação dada ao elemento água nos mais diferentes contextos está relacionada à forma com que ela se apresenta. Se em grande quantidade, se são águas profundas ou rasas, limpas ou sujas, claras ou escuras, ou mesmo se sua relação com o ambiente se dá de forma calma/pacífica ou violenta (BACHELARD, 2002). Segundo Aubrée (2012, p. 245), “o universo simbólico é construído a partir do que o entorno cultural lhes oferece”, portanto, devemos considerar, também, a cultura local como indicativo da qualidade e dos significados da água como elemento ritualístico.

As transformações e os efeitos do tempo na constituição do ritual de culto aos mortos no povoado de Almas perpassam as ideias sobre a formação do próprio povoado. Questões sanitárias também são consideradas ao ofertar água aos mortos. Se antes a água era depositada em copo ao lado de ramalhetes de flores, na atualidade, a água é entregue em garrafas *pet* para evitar a proliferação de mosquitos. Tais atitudes fazem parte de seus universos pessoais, portanto, são constituintes da história ou de fragmentos dela que fazem parte da vida vivida.

Considerações finais

Os dados empíricos produzidos em Almas permitem compreender o ritual produzido de forma a caracterizá-lo como um evento singular considerando-se para isso as transformações pelas quais o ritual passou ao longo de décadas, desde a

forma com que se expõe até as motivações impulsionadas pelas emoções e afetos do devoto.

Sinteticamente, podemos dizer que as práticas mortuárias realizadas em Cariré, sobretudo em Almas, derivam de quatro fatores: a vivência do luto; o fácil acesso ao local de sepultamento do corpo; os afetos vivenciados entre os indivíduos envolvidos; a adoção da prática como um evento cotidiano que permite que o processo se desenvolva naturalmente.

O período de luto é um fator essencial para a produção das relações entre vivos e mortos, contudo não se limita a ele. Embora as condições e a periodicidade com que se realizam as ofertas sofra alteração com o passar do tempo, sendo sua frequência maior no período mais próximo ao falecimento, as relações empreendidas não se desfazem tão rapidamente e é possível perceber o engajamento de famílias na realização das práticas rituais. A partir desse envolvimento, é possível supor que a realização de práticas votivas aos mortos realizadas em Almas perdure por gerações considerando que alguns devotos aprenderam com seus pais, realizam para seus mortos e desejam que quando partirem, alguém lhes ofereça os devidos votos.

O parentesco parece ser um fator igualmente decisivo para a promoção das práticas mortuárias que caracterizam a manutenção dos vínculos entre vivos e mortos no povoado de Almas, visto que os devotos consideram que há um contato mais eficiente entre parentes, pois eles conhecem as necessidades e desejos dos vivos e poderão dar soluções mais eficientes.

O fato de o cemitério tornar-se um espaço coletivo para depósito das oferendas não limita o campo sagrado para a realização da atividade, pois nada impede que as práticas mortuárias sejam realizadas em outros locais.

Neste ponto, é preciso frisar alguns indícios de transformações nas formas de ofertar aqui descritas que nos levam a concluir que essas formas de ofertar estão em constante recomposição. Ofertar aos mortos faz parte das práticas mortuárias em voga no município de Cariré, com mais afinco no povoado de Almas, onde foi possível acompanhar mais de perto como ocorre e quais os gatilhos do e no processo. O ritual em tela nos apresenta uma infinidade de possibilidades quanto aos elementos ofertados, sendo a água o mais constante e por nenhum momento ausente entre os votos.

**Nota de Pesquisa recebida em 01 de abril de 2021
Aprovada para publicação em 27 de agosto de 2021**

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias** / Philippe Ariès; tradução P. V. Siqueira. - [Edição Especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

AUBRÉE, Marion. Iemanjá, grande mãe africana e ícone brasileira. In: VALE, Alexandre Fleming Câmara. **França e Brasil: olhares cruzados sobre imaginários e práticas culturais**. São Paulo: Annablume, 2012. p. 237-252.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria** / Gaston Bachelard; [tradução Antonio de Pádua Danesi]. - São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó**. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

CONCEIÇÃO, Joanice Santos. *Duas metades, uma existência: produção de masculinidades e feminilidades na Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egun*. **2011. 210 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões** / Mircea Eliade; [tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes]. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GALENO, Cândida. **Ritos fúnebres no interior cearense**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1977.

MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia** / Marcel Mauss; Tradução: Luiz João Gaio e J. Guinzburg. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes. *Sede eterna: as relações com os mortos no povoado de Almas*. 2020. 103 f. **Dissertação (Mestrado em Antropologia)**. Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes; PAULINO, Antonio George Lopes. Sede Eterna: notas preliminares de um ritual de culto aos mortos no Ceará. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 19, n. 57, 2020, p. 139-150.**

REESINK, Mísia. Lins. Quando lembrar é amar: tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. **Etnográfica. Vol. 16(2), 2012, p. 365-386.** Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/pdf/1535>. Acesso em: 28 fev. 2021.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia**; 13. ed. – Petrópolis, Vozes, 2008.

SCHECHNER, Richard. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. (Org. LIGIERO). tradução: Augusto Rodrigues da Silva Junior. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2012.

TAMBIAH, Stanley. J. **Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva antropológica**; tradução de Lilia Loman. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu**. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os deuses canibais. A morte e o destino da alma entre os Araweté. **Revista de Antropologia, São Paulo, (27/28), 1984/85, p. 55-88.**